

PENSANDO O COMPLEXO AGROINDUSTRIAL E A CHEGADA DOS TRABALHADORES MIGRANTES DOS CANAVIAIS EM CARMO DO RIO VERDE-GO

Fabiani da Costa Cavalcante¹

Resumo: Este trabalho tem por finalidade apresentar o projeto de pesquisa que está em fase inicial de desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás. O projeto objetiva compreender as relações entre os trabalhadores migrantes dos canaviais e os demais moradores do município de Carmo do Rio Verde, em Goiás, desencadeadas após o que consideramos ser o nascimento de um novo padrão agrário moderno na região, a chegada do complexo agroindustrial sucroalcooleiro. Para tanto, este texto será articulado da seguinte forma: inicialmente será apresentada nossa hipótese, problema de pesquisa e objetivos; em seguida apresentamos um breve panorama a respeito do desenvolvimento do setor sucroalcooleiro, de uma nova configuração local e sobre a chegada do trabalhador migrante; por fim, apresentamos nossa proposta de metodologia de estudo e algumas discussões.

Palavras-chave: Complexo Agroindustrial; Trabalhadores Migrantes; Cortadores de Cana.

INTRODUÇÃO

A cidade de Carmo do Rio Verde, cujo povoamento teve origem em 1939, em decorrência da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG), sofreu nas últimas décadas uma mudança significativa no uso da terra. No período de 1996 a 2006, o município apresentou maiores índices no que diz respeito à composição de lavouras temporárias de cana-de-açúcar².

Esses dados nos fazem acreditar na hipótese de que a partir dos anos 2000, com o desenvolvimento do Setor Sucroalcooleiro, uma nova configuração no padrão agrário é desenvolvida no município. E, ainda que ele não tenha perdido suas características típicas do interior e das comunidades rurais, podendo ser considerado urbano-rural, houve alterações nas relações no campo, de modo particular, nas relações de trabalho no campo.

Famílias tradicionalmente rurais, que antes produziam para subsistência, ou mesmo para atender a determinadas demandas comerciais, passaram a arrendarem suas terras à

¹ Mestranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás. Contato: fabiani.cavalcante@gmail.com

² IBGE, Censo Agropecuário (2006).

indústria de álcool e açúcar. O campo, neste caso, “deixou de ser uma opção de vida”³. Industrializado, já não é mais a roça, lugar de convívio e de famílias, o campo é agora uma fonte e/ou matéria prima para a exploração do capital.

Se o campo deixou de ser uma opção de vida para as famílias, se os pequenos produtores deixaram o campo e se tornaram arrendatários, mudaram para as cidades em busca de estudos e/ou para trabalhar em outras atividades, quem são as pessoas que trabalham no campo? Quem são as pessoas que trabalham nos canaviais?

A resposta para estas perguntas traz para reflexão o caso dos trabalhadores migrantes, os brasileiros que percorrem as regiões que abrigam os complexos agroindustriais gerados a partir do setor sucroalcooleiro, sobre os quais e com os quais temos desenvolvido o projeto de estudos no mestrado.

PROBLEMA DE PESQUISA

No início dos anos 2000 o Grupo Japungo, que tem sua origem no nordeste, comprou e assumiu a empresa CRV-Industrial no município de Carmo do Rio Verde. Estima-se que nesse período chegaram na cidade mais de um mil trabalhadores nordestinos para o corte da cana de açúcar.

Com a implementação da usina acreditamos em uma nova reconfiguração nas relações trabalho-campo, de forma que, pensamos haver uma mudança na percepção das pessoas, no modo como elas concebem o trabalho braçal, o valor dado ao trabalho e ao trabalhador no campo. Onde aqueles que saíram do campo, foram para a cidade, deixaram a enxada, parecem agora desfrutar de uma espécie de ascensão social, enquanto aos trabalhadores migrantes, resta o trabalho braçal, o cabo da foice.

Desconhecemos o perfil e/ou as condições de trabalho destas pessoas, mas acreditamos que muito se assemelham aos relatos dos “heróis” e sobre os “heróis do agronegócio brasileiro”⁴. Acreditamos que grande parte dos trabalhadores dos canaviais de

³ Fala de Adriano Pereira em entrevista concedida em 2013, para o trabalho final de curso da graduação. Entrevistado é professor, nasceu e foi criado em Carmo do Rio Verde e atualmente é Secretário da Educação no município (CAVALCANTE, 2013).

⁴ Termo utilizado por Novaes e Alves (2007) para intitular os trabalhadores nordestinos que migram para trabalharem no corte de cana nos complexos industriais de Rio de Janeiro e São Paulo. Ao mesmo tempo, aqui, há um lado irônico e trágico, na citação do ex-Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, deslumbrado pelo que lhe é apresentado pelo agronegócio, faz um discurso em Mineiros-GO, em 20 de março de 2007, afirmando que “Os usineiros de cana, que há dez anos eram tidos como se fossem os bandidos do agronegócio neste país, estão virando heróis nacionais e mundiais, porque todo mundo está de olho no álcool. E por quê? Porque têm políticas sérias. E têm políticas sérias porque quando a gente quer ganhar o mercado externo, nós temos que ser mais sérios, porque nós temos que garantir para eles o atendimento ao suprimento”. (Folha de S.Paulo, 2007).

Carmo do Rio Verde é explorada, tendo de cumprirem cargas horárias elevadas e executar atividades extremamente desgastantes e de baixa remuneração. Além disso, em pesquisa anterior, de monografia, realizada durante a graduação, pudemos constatar que a garantia dos direitos básicos destes trabalhadores é prejudicada em decorrência do preconceito e do clientelismo presentes na política local, ou melhor, presente naqueles que fizeram/fazem a política local.

Diante deste contexto, o projeto de estudos tem como proposta inicial apreender as relações sociais estabelecidas entre os trabalhadores migrantes dos canaviais e os demais trabalhadores/moradores de Carmo do Rio Verde. Pretende-se investigar, especificamente:

- Como os trabalhadores migrantes e demais trabalhadores se integram;
- Se existem estigmas por parte dos demais moradores do município em relação aos migrantes e nordestinos;
- A situação destes trabalhadores diante do processo de transformação que tornou o campo industrializado;
- Como os trabalhadores vivenciam o processo de racionalização do trabalho, os meios e os métodos de organização científico do trabalho;
- Como os trabalhadores migrantes vivenciam o processo de opressão material e moral que configuram suas realidades; e
- Como os trabalhadores percebem suas experiências de vida enquanto trabalhadores/assalariados e arrendatários, a alegria, o sofrimento, a ansiedade, o medo.

O DESENVOLVIMENTO DO SETOR SUCROALCOOLEIRO E DE UMA NOVA CONFIGURAÇÃO LOCAL

A busca por fontes renováveis de produção de energia, entre outros fatores, tem cooperado nas últimas décadas para a intensificação da demanda internacional e brasileira por etanol, negócio rentável e que conferiu ao Brasil nos últimos anos o estatuto de maior produtor mundial de etanol. Mas, não é de hoje que a história do país se cruza com a produção de cana. O Setor Sucroalcooleiro se desenvolveu no Brasil desde a colonização. O açúcar, produzido a partir da cana, é apontado como o primeiro produto de exportação do país. Desde então, o setor da indústria canavieira passou por várias mudanças institucionais ao longo da história, as quais alteraram profundamente as relações entre o Estado e o setor privado⁵.

⁵ Moraes (2007).

A história do setor açucareiro sempre contou com a intervenção governamental, exemplo disso é a criação do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA)⁶, em 1933, com o papel de incentivar o consumo e regular o mercado de açúcar e álcool. Conforme aponta Moraes (2007), a cadeia agroindustrial sucroalcooleira certamente foi uma das mais controladas administrativamente pelo Estado brasileiro.

Dentre as intervenções estatais no setor, consideramos aqui a criação do Programa Nacional do Alcool (Proálcool), a partir de meados dos anos 1970, como um dos grandes impulsionadores da indústria canavieira. O Proálcool tinha como objetivo principal a redução da dependência brasileira em relação ao petróleo importado. Desde então, o Brasil passou a investir na produção do etanol e, atualmente, a produção de cana de açúcar lhe conferiu o reconhecimento de país pioneiro em produção de combustível renovável e eficiência energética a menores custos de produção.

Diante da mais recente expansão canavieira, a Região Centro Oeste, especificamente o Estado de Goiás, se tornou alvo do setor sucroalcooleiro. A região, conforme aponta a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), é uma área favorável para o cultivo de cana de açúcar, seja por suas características geográficas e ambientais, seja por suas terras baratas ou pela facilidade de acesso e escoamento da produção. A microrregião do Vale de São Patrício, onde localiza-se o município de Carmo do Rio Verde, é a região do Estado com o maior índice de produção de cana de açúcar e quantidade de usinas em funcionamento.

No início dos anos 2000 o Grupo Japungo, que tem sua origem no nordeste, comprou e assumiu a empresa CRV-Industrial, no município de Carmo do Rio Verde. Este período, fim dos anos 1990 e início dos anos 2000, foi marcado pela desregulamentação do governo brasileiro sobre o setor sucroalcooleiro. Houve nesse momento a extinção do IAA. A redução de interferência por parte do Estado alterou a dinâmica de produção do setor. Essas alterações institucionais sempre existiram e foram profundas, tendo ocorrido desde a origem da produção de açúcar e álcool até os dias atuais (MORAES, 2007). Mais recentemente,

A drástica redução da intervenção estatal afetou as relações dos agentes de toda a cadeia produtiva: os produtores de cana-de-açúcar, as usinas e destilarias e as distribuidoras de combustível, além dos consumidores de álcool e açúcar, na medida em que a dinâmica da formação de preços se alterou para a de um livre mercado (MORAES, 2007, p.556).

⁶ Decreto nº 22.789, de 1º de Julho de 1933. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d22789.htm. Acessado em: 23 fev. 2013.

Uma possível forma de entender a atuação dos agentes envolvidos no setor é fazendo uso da análise realizada por Muller (1989), para compreender como se dá a regulação das atividades agrárias brasileiras, como atuam as grandes empresas, os grupos econômicos e o Estado. Acreditamos que a lógica do setor sucroalcooleiro, ainda hoje, encontra-se inserida no processo de integração entre a indústria e a agricultura, que Muller chama de Complexo Agroindustrial (CAI). Para o autor:

O processo de integração indústria e agricultura não se deu à margem das relações entre as grandes empresas, os grupos econômicos e o Estado. Este último atuou, sobretudo, através de subsídios creditícios, incentivos fiscais e toda uma bateria de políticas incentivadoras das exportações. Assim também ocorreu na proliferação das agroindústrias (MULLER, 1989).

O autor defende a idéia de que o padrão agrário moderno, que possui a forma de CAI, é diferente do padrão agrário até então existente. A terra, que antes possuía maior valor como propriedade, a partir do processo de industrialização é tida como um meio de exploração, o qual se aproveita da ciência e novas tecnologias para tal, e que ao mesmo tempo exclui a possibilidade de que pequenos proprietários se sobressaíam neste novo mercado que se configurou.

Pensando as colocações do autor é que procuramos compreender o Setor Sucroalcooleiro não pura e simplesmente como um mercado rural, mas levando em conta os atores envolvidos, os incentivos, as lutas institucionais e as organizações e seus interesses socioeconômicos. A desregulamentação do setor sugere menor interferência do Estado, ainda que ele continue atuando fortemente por meio de incentivos fiscais⁷, e abre caminho para o livre mercado e maior competitividade entre as empresas, essas mudanças não implicam em alterações apenas econômicas. A visão empresarial diferente vem acompanhada de mudanças agressivas no contexto onde estas usinas encontram-se inseridas.

No âmbito local, onde essas empresas são instaladas, podemos falar em uma nova reconfiguração social, como no caso de Carmo do Rio Verde. É possível distinguir duas fases de desenvolvimento do município. A primeira se refere ao período que antecede a expansão do setor sucroalcooleiro na região, também caracterizado por uma população predominantemente rural e que tem o campo como principal recurso para a extração de renda e subsistência.

A segunda fase é caracterizada por transformações profundas e pode ser percebida a partir de dois momentos: primeiro quando da implantação da usina de álcool, antes dos anos

⁷ Jornal O Popular (2010); Jornal O Estadão (2007)

2000, instalada pelos próprios proprietários de terras na região. E o segundo momento quando o Grupo Japungo, de origem paraibana, assume a reativação da usina, no início da primeira década dos anos 2000, provocando mudanças mais intensas e desafiadoras na região⁸. Pois, como dito anteriormente, com a reativação da usina muitas famílias deixaram o campo e passaram para a condição de arrendatários, na cidade passaram viver da renda de suas terras e muitos passaram desenvolver outras ocupações e/ou trabalhos assalariados. Ao mesmo tempo, o município recebeu muitos migrantes que chegaram para trabalharem no corte da cana de açúcar.

Esta nova configuração tem ocorrido de forma problemática, especialmente porque diante da presença dos migrantes, há a manifestação do preconceito. Este preconceito é perceptível/manifestado na gestão pública municipal⁹, do mesmo modo como acreditamos ser por parte dos demais moradores locais, inclusive entre aqueles que até pouco tempo atrás ocupavam a condição de trabalhadores rurais e hoje são arrendatários.

A CHEGADA DO TRABALHADOR MIGRANTE

A ocupação do Vale de São Patrício e, conseqüentemente, Carmo do Rio Verde, foi marcada por um forte processo de migração. Se quando da instauração da CANG, as pessoas eram atraídas pela propagação da idéia de que o solo era fértil e que havia apoio assistencial por parte do governo, com a instalação do CAI o município tornou-se atrativo para os trabalhadores brasileiros que se deslocam em busca de trabalho nos canaviais da região.

Estimar a origem destes migrantes é um pouco complicado, em decorrência da pouca disponibilidade de dados sobre a situação dos migrantes temporários. Contudo, em alguns dos depoimentos coletados, os entrevistados se referem aos trabalhadores da usina, cortadores de cana, como sendo de origem nordestina.

Atualmente, segundo os dados do IBGE (2010), a maior parte dos migrantes presentes no município de Carmo do Rio Verde é da região Sudeste, seguido pela região Nordeste. Não conseguimos dados que permitissem uma comparação com o período que antecede e/ou condiz com a chegada do Grupo Japungo. Além disso, acreditamos que as estimativas do IBGE sobre migração não condizem com a realidade dos trabalhadores migrantes dos canaviais. Para o instituto, migrante é todo aquele que nasceu em um município e está morando em outro.

⁸ Não tive acesso ao contrato/acordo que especifica a instalação da usina no município, em nenhum dos dois momentos, quando cooperativa e quando o Grupo Japungo reativa a usina e se instala na região.

⁹ Cavalcante (2013).

Com a reestruturação da empresa CRV-Industrial em Carmo do Rio Verde e a chegada do Grupo Japungo, em 2002, estima-se que de uma só vez vieram mais de 1 mil homens para a cidade. Para uma cidade com menos de 10 mil habitantes é possível dizer que o impacto ocasionado pela presença destes trabalhadores foi significativo

“Nasci, cresci, eu vivi boa parte da minha vida na roça. Tenho sítio lá, até hoje. Mas, houve uma mudança muito significativa. E, para a própria cidade porque, por exemplo, na minha juventude mesmo, a gente podia sair. Tem a antiga praça, você vai ter a oportunidade de conhecer, é a praça lá do outro lado do rio, a praça da igreja. Nessa época, todo mundo saía, lá era um ponto de encontro e, posteriormente, com a chegada da usina, as pessoas perderam aquela tranquilidade que tinha de sair, de ir pra Beira Lago. Beira Lago era um lugarzinho que todo final de semana os jovens, adolescentes e mesmo pessoas mais velhas saíam para ir. Tinha o forrozim, pra quem gostava de forró, outros iam só mesmo pra conversar, trocar ideia. Então, com a chegada desse grupo, de uma vez só vieram mais de mil homens pra cidade. Então, todos os hábitos da cidade mudou em função da chegada, de uma certa forma até por medo de sair de casa. Então, mudou os hábitos da cidade e consequentemente em vários aspectos, na questão de saúde, na questão da própria educação, a questão da habitação. Então, Carmo do Rio Verde passou a ser outra cidade a partir da reimplantação desta indústria.” (Adriano Pereira, 2013).

Segundo a fala de Adriano Pereira, uma complexidade nas relações no município parece ter se instalado entre os trabalhadores migrantes, gestores municipais e a população. Com a chegada dos migrantes a relação entre os moradores do município parece perder, não se sabe em que medida, a tranquilidade típica do interior, onde é comum que todos se conheçam. Além disso, com a chegada do estranho passa a existir uma perda na liberdade de ir e vir, de transitar livremente sem ameaças, ou a possibilidade de qualquer acontecimento que fuja do comum, do habitual.

É possível perceber uma “espécie de medo”, em decorrência da chegada do estranho. Acreditamos que grande parte das relações estabelecidas após a vinda de trabalhadores temporários tem sido permeada por estigmas presentes na sociedade, em relação aos migrantes e nordestinos e é neste sentido que acreditamos ser importante apreender as relações estabelecidas entre os trabalhadores migrantes e os demais trabalhadores/moradores no município.

METODOLOGIA E DISCUSSÕES INICIAIS

O trabalho de investigação trará aspectos qualitativos e quantitativos. Propomos como ponto de partida um estudo sobre o histórico da ocupação do Vale de São Patrício e o Município de Carmo do Rio Verde, e também o histórico da expansão da produção de cana de açúcar em Goiás, tentando distinguir as transformações ocorridas em decorrência da instalação da Empresa CRV - em Carmo do Rio Verde. Acreditamos que este movimento,

essa tentativa de compreender o contexto atual da região, seja ele econômico, político ou social, a partir (também) da história é importante, pois permite um diálogo e/ou um movimento dialético entre passado e presente.

Pensando a importância de se refletir as técnicas específicas de investigação como ferramentas capazes de cooperar no processo de investigação e análise, pretendemos realizar entrevistas presenciais semiestruturadas, os sujeitos entrevistados serão os trabalhadores migrantes e os demais trabalhadores/moradores, além de entrevistas com representantes das associações e sindicatos dos trabalhadores rurais locais e lideranças do Serviço Pastoral do Migrante (SPM) e Comissão Pastoral da Terra (CPT), entidades que tem se destacado pelo apoio na luta pela garantia dos direitos dos trabalhadores migrantes.

Serão utilizados um roteiro, gravador digital e bloco de anotações. Considerando o conciliamento desta técnica com outros dados e técnicas de pesquisa, serão entrevistados trabalhadores migrantes dos canaviais e trabalhadores/moradores oriundos do município, ambos serão selecionados a partir da técnica “bola de neve”. As entrevistas serão transcritas, utilizando o aplicativo *Express Scribe*, de modo a preservar a fala do entrevistado, e transcrevendo não apenas falas em escrita, também as expressões. Posteriormente, as entrevistas, transcritas, serão codificadas e analisadas com o auxílio do aplicativo *Atlas Ti*.

Para Alonso (1998), a entrevista deve ser compreendida como um processo comunicativo, no qual o pesquisador é o responsável por direcionar os rumos, a partir de seu conhecimento teórico e do seu interesse de investigação, de modo que o pesquisador assegure que as perguntas sejam formuladas sem ambiguidade e que o indivíduo, informante, não se sinta intimidado por nenhuma formulação. No caso das entrevistas semiestruturadas, elas podem dar maior possibilidade para que o entrevistado se sinta mais seguro e mais a vontade para responder as questões, além disso, permitem um maior aprofundamento durante a investigação.

Entretanto, diante do contexto social explicitado, pretendemos nos apropriar do método de investigação adotado por Elias (2000), a etnografia. Acredito que considerar apenas a análise das entrevistas e estatísticas disponíveis em bases de dados, como IBGE e/ou em bancos de dados que tragam estudos a respeito do tema, fará com que o estudo tenha valor limitado para compreender as relações que ocorrem no local. Portanto, proponho uma investigação sistemática, feita (também) a partir da observação em campo, observando e conceituando sistematicamente o modo como os trabalhadores se agregam.

Conforme aponta Beaud e Pialoux (2009), a pesquisa de campo permite estudar num mesmo espaço-tempo processos sociais habitualmente separados pela especialização dos

objetos da sociologia, desta forma ela força o sociólogo a estabelecer a relação entre esses diferentes domínios, se tornando um convite permanente à comparação e raciocínio em termos de relações sociais (entre grupos e subgrupos), operando assim como um instrumento de vigilância que alerta contra a tentação permanente de reificação dos grupos sociais. Além disso, a etnografia possibilita que o pesquisador atue em diversas cenas sociais, desde a casa das famílias dos trabalhadores, até o bar frequentado por eles.

Nosso estudo não partirá de uma análise isolada dos indivíduos, buscaremos compreender as relações entre os grupos - trabalhadores migrantes e os demais trabalhadores/moradores - e a partir daí, sim, a subjetividade.

A análise sociológica baseia-se no pressuposto de que todos os elementos de uma configuração, com suas respectivas propriedades, só são o que são em virtude da posição e função que têm nela. Assim, a análise ou separação dos elementos é meramente uma etapa temporária numa operação de pesquisa, que requer a complementação por outra, pela integração ou sinopse dos elementos, do mesmo modo que esta requer a suplementação pela primeira; aqui, o movimento dialético entre análise e síntese não tem começo nem fim (ELIAS, 2000. p.58).

Assim como em Elias (2000), o que propomos é que as possíveis descobertas, a partir das entrevistas e estatísticas, sejam relacionadas/confrontadas e que dialoguem com minhas futuras observações, enquanto pesquisadora. Assim como o autor, acreditamos que por maior que sejam as correlações estabelecidas entre os dados obtidos a partir das entrevistas, elas não conseguirão, por si só, levar à compreensão de como as relações no campo do trabalho afetam as relações e convivência entre os distintos grupos de trabalhadores em Carmo do Rio Verde.

Ressaltamos que não é minha intenção basear a pesquisa em uma sociologia fundamentada em dados empíricos considerados neutros e/ou imparciais. Nosso trabalho não deixará de comprometer-se com aqueles que sofrem em seu cotidiano e em sua condição de “desenraizados”, dos abusos moral, físico e material a que se encontram submetidos os trabalhadores migrantes dos canaviais.

É nesse sentido que nos propomos a nos aproximar dos estudos de Simone Weil (1979), que a partir da sua experiência no trabalho fabril, apresenta um estudo da subjetividade do operário, nos permitindo questionar diferentes formas de opressão a qual são submetidos os trabalhadores.

Embora estejamos falando de experiências diferentes, já que as experiências da autora retratam sua condição enquanto operária na linha de montagem em grandes fábricas e/ou no campo, como mineira, acredito que através de seu trabalho é possível compreender o processo de opressão material e moral que configuram a realidade dos trabalhadores dos canaviais,

assim como suas percepções em relação ao processo de racionalização do trabalho, os meios e os métodos de organização científico do trabalho e suas experiências de vida enquanto trabalhadores/assalariados.

Os relatos de Weil (1979) descrevem como as necessidades que emergem em um processo de produção em larga escala, como uma máxima velocidade e um mínimo tempo gasto por peça produzida, acabam gerando um processo de opressão material e moral. Destrói o operário não só fisicamente, levando-o a um desgaste físico além do que o próprio corpo agüenta, condenando-o a suportar a fome para que consiga cumprir, ao final do dia, as exigências dos patrões, ou melhor, do processo de produção.

Além do desgaste físico, há o desgaste moral, da subjetividade. O cansaço “a tal ponto que se deseja a morte”, o medo “de não estar na velocidade boa, de matar peças forçando a cadência, de broncas”, a sujeição “cada gesto é simplesmente a execução de uma ordem”, levam a completa humilhação, ao sofrimento e as amarguras silenciosas (WEIL, 1979).

Quando falamos de trabalhadores migrantes, acreditamos que esta humilhação não se dá apenas no local de trabalho, a condição de humilhado se dá também nas relações fora do trabalho. O cortador de cana migrante é um estrangeiro, desenraizado. Pode não ser do ponto de vista da produção, já que é provável que estes trabalhadores exerçam esta atividade também em outras regiões do país. Mas é do ponto de vista espacial e social.

De outro modo, se analisarmos o caso daqueles que arrendaram suas terras, deixaram o campo e hoje, além de arrendatários, são trabalhadores assalariados e desempenham outras atividades na cidade, estes podem ser considerados desenraizados do ponto de vista da produção. Entretanto, não são do ponto de vista espacial e social, já que pertencem à comunidade de Carmo do Rio Verde.

O desenraizamento é, evidentemente, a mais perigosa doença das sociedades humanas, porque se multiplica a si própria. Seres realmente desenraizados só têm dois comportamentos possíveis: ou caem numa inércia de alma quase equivalente à morte, como a maioria dos escravos no tempo do Império Romano, ou se lançam numa atividade que tende sempre a desenraizar, muitas vezes por métodos violentíssimos, os que ainda não estejam desenraizados ou que o estejam só em parte (WEIL, 1979, p.351).

É sob a perspectiva, de apreender as ligações sociais estabelecidas entre estes diferentes grupos que pretendemos compreender como os trabalhadores migrantes e demais trabalhadores se integram, se percebem neste processo de transformação que tornou o campo industrializado, e como os trabalhadores migrantes percebem os estigmas presentes por parte

dos demais trabalhadores/moradores do município. Outra vez nos voltamos para o trabalho de Elias:

[...] os recém-chegados empenham-se em melhorar sua situação, enquanto os grupos estabelecidos esforçam-se por manter a que já têm. Os primeiros se ressentem e, muitas vezes, procuram elevar-se do status inferior que lhes é atribuído, enquanto os estabelecidos procuram preservar o status superior que os recém-chegados parecem ameaçar. Postos o papel de outsiders, os recém-chegados são percebidos pelos estabelecidos como pessoas ‘que não conhecem seu lugar’; agridem-lhes a sensibilidade, portando-se de um modo que, a seu ver, traz claramente o estigma da inferioridade social;[...] (ELIAS, 2000, p.174).

Acreditamos que as relações estabelecidas após a vinda de trabalhadores migrantes em Carmo do Rio Verde tem sido permeada por estigmas em relação aos migrantes e nordestinos, como podemos ver na fala de Albertina Neri¹⁰. A entrevistada nos apresenta o nordestino visto como esperto, ou mesmo como aproveitador. Estes são alguns dos estigmas carregados por estes brasileiros e que, diga-se de passagem, não são os únicos usuários do programa Bolsa Família¹¹. A fala de Neri expressa além de sua indignação, também a sua desconfiança em relação a estes cidadãos, tão brasileiros quanto ela.

Ao nos propormos a compreender as relações estabelecidas entre os trabalhadores migrantes e demais trabalhadores/moradores do município o fazemos porque acreditamos que, o preconceito e o estigma cooperam para legitimar a opressão sofrida pelos trabalhadores dos canaviais, acreditamos ser um fator relevante e que justifica até mesmo a baixa remuneração e privação dos direitos e melhores condições de vida, levando à violência e discriminação social. Nesse sentido, nos propomos a estudar, a partir de Dejour (2006), o consentimento, participação e colaboração das pessoas no processo de banalização da injustiça social que atinge os trabalhadores dos canaviais. O autor parte do pressuposto de que o trabalho é o

¹⁰ A entrevistada é chefe do departamento de habitação do município de Carmo do Rio Verde e concedeu entrevista em 2013, para o trabalho final de conclusão de curso de graduação (CAVALCANTE, 2013). Disse Neri: “[...] todos eles que vem de lá do Nordeste, principalmente os que vem do Nordeste, todos eles tem bolsa família. Todos eles, porque esse Bolsa Família foi feito pros Nordestinos. [...]Ai, assim, a primeira coisa que eles faz, que eles sabem disso, nesse ponto eles são espertos, são sabidinhos, sabe? Nisso eles entende. Primeira coisa que eles chegam na cidade, se eles chegam hoje [...] Igual, essa família, ela chegou num dia, no outro dia ela já desceu na Casa da Família (assistência social) pra transferir o bolsa família dela pra cá. Então, tem e não tem esse controle. A gente sabe, ó chegou mais um nordestino. Não tem anotado, mas a gente sabe.” (Albertina Neri, 2013).

¹¹ O Programa Bolsa Família (PBF) é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País. O Bolsa Família integra o Plano Brasil Sem Miséria (BSM), que tem como foco de atuação os 16 milhões de brasileiros com renda familiar per capita inferior a R\$70 mensais, e está baseado na garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos (MDS, 2013).

denominador comum entre as pessoas e que a partir da psicodinâmica do trabalho pode ser possível compreender como a banalização do mal, como ele chama, se tornou possível.

Diante das questões levantadas, pensamos na necessidade de que os sociólogos(as) não se anulem e que, também, possam fugir do empirismo radical. Entretanto, ressaltamos que entendemos a necessidade de se pensar as informações que serão obtidas a partir de uma perspectiva crítica, seja durante o levantamento histórico, as entrevistas, pesquisa em bancos de dados, ou por meio da etnografia. Pensar sob uma perspectiva crítica e/ou realista nos distanciará do olhar imediatista, nos auxiliará a não cairmos no engano de analisar uma “falsa realidade”.

REFERÊNCIAS

ALONSO, L.H. **La mirada cualitativa em sociologia**. Madrid: fundamentos, 1998.

BEAUD, S.; PIALOUX, M.; **Retorno à condição operária**. Investigação em fábricas da Peugeot na França. São Paulo: Boitempo, 2009.

BRASIL. **Decreto nº 22.789**, de 1º de Julho de 1933. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d22789.htm>. Acesso em: 23 fev. 2013.

CAVALCANTE, F. C. **O setor sucroalcooleiro e a implementação de políticas públicas**: Carmo do Rio Verde, Goiás. 2013. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

CONAB – COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Avaliação safra cana-de-açúcar 2008/2009**. Terceiro levantamento de Goiás, dezembro, 2008.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ESTADÃO. **Goiás concede R\$ 2,4 bi de incentivos à usina de álcool**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/economia,goias-concede-r-24-bi-de-incentivos-a-usina-de-alcool,95369,0.htm>> Acesso em: 24 dez. 2012.

FOLHA DE S. PAULO. **Presidente Lula chama usineiros de heróis**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u90477.shtml>>. Acesso em: 11 out. 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2006**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=520500&idtema=3&search=goias|carmo-do-rio-verde|censo-agropecuario-2006>> Acesso em: 23 mai. 2013.

_____. **Censo Demográfico 2000**. Disponível em:
<ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2000/Dados_do_Universo> Acesso em:
20 abr. 2013.

_____. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=520500&search=goias|carmando-rio-verde>> Acesso em: 12 jul. 2013.

MARTINS, J. S. **A chegada do estranho**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

_____. **Capitalismo e Tradicionalismo**: estudo sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975.

MDS – MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. **Bolsa Família**. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>> Acesso em: 24 jul. 2013.

MORAES, M. A. F. D. Introdução - As profundas mudanças institucionais ao longo da história da agroindústria canavieira e os desafios atuais. **Revista de Economia Aplicada**, v.11, 2007, p. 555-557.

MULLER, G. **Complexo Agroindustrial e Modernização Agrária**. São Paulo: HUCITEC, 1986.

NOVAES, R.; ALVES, F. **Migrantes**: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro). São Carlos: EdUFSCar, 2007.

O POPULAR. **Cidades - O alto preço dos incentivos fiscais**. Disponível em:
<<http://www.mp.go.gov.br/portalweb/conteudo.jsp?page=1&base=1&conteudo=noticia/27462f5233e89c0412e42639f37a1ad4.html>> Acesso em 14 fev. 2013.

WEIL, S. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.